

# O LEITOR COMO SUJEITO MEDITANTE: A MANEIRA DE DEMONSTRAR E O ESTILO DE ESCRITA DAS MEDITAÇÕES METAFÍSICAS DE RENÉ DESCARTES<sup>1</sup>

Marcos Alexandre Borges<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Roraima (UERR)

 <https://orcid.org/0000-0001-5906-3530>

E-mail: marcos.borges@uerr.edu.br

## RESUMO:

Nas páginas finais das *Segundas Respostas*, Descartes fala sobre a maneira pela qual as teses apresentadas nas *Meditações Metafísicas* são demonstradas e sobre o estilo de escrita por ele adotado para esta obra. A maneira de demonstrar é a análise; o estilo de escrita é a meditação. A leitura das *Meditações* depende, fundamentalmente, do entendimento sobre essas duas coisas, bem como sobre a relação existente entre elas. Com o presente artigo pretendemos, em primeiro lugar, analisar o modo como Descartes entende o método de análise e o significado de meditação; e, em seguida, compreender a maneira pela qual o método de análise e o exercício da meditação se articulam para constituir a via seguida nas *Meditações Metafísicas*. Considerando a análise como um método de resolução de problemas, bem como o significado do estilo de escrita meditativo nos tempos de Descartes, defendemos a tese de que que meditar, para Descartes, significa penetrar-se lentamente e com atenção nos problemas a partir dos quais as *Meditações* são desenvolvidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Descartes; Método; Estilo; Análise; Meditação.

## THE READER AS A MEDITATING SUBJECT: DEMONSTRATION APPROACH AND WRITING STYLE IN THE MEDITATIONS ON FIRST PHILOSOPHY BY RENÉ DESCARTES

## ABSTRACT:

In the final pages of the *Second Reply*, Descartes talks both about how the theses in the *Meditations on First Philosophy* are demonstrated, and about the writing style he adopted for this work. The way he demonstrates is analysis; his writing style is meditation. Reading the *Meditations* depends, fundamentally, on understanding those two things, as well as the relationship between them. With this paper we intend, first, to analyze how Descartes understands analysis as a method and what meditation means; and then, to understand the way in which that method of analysis and the practice of meditation are coordinated to engender the path followed in *Meditations on First Philosophy*. Considering his analysis as a method for problem solving, and taking into consideration the meaning of meditative writing styles at the time Descartes lived, we defend the thesis that meditation, for Descartes, means to penetrate slowly and carefully into the problems from which the *Meditations* have been developed.

**KEYWORDS:** Descartes; Method; Style; Analysis; Meditation.

<sup>1</sup> O presente artigo é uma versão com modificações de uma parte de minha tese de doutorado em Filosofia intitulada “*O conceito de ideia e a resolução do problema do solipsismo na metafísica cartesiana*”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unioeste em abril de 2020. Parte da pesquisa para a escrita desse texto foi feita durante o estágio de doutorado sanduíche, na Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne, com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), instituição para a qual expresso aqui minha gratidão.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Toledo – PR, Brasil. Professor da Universidade Estadual de Roraima (UERR), Boa Vista – RR, Brasil.



## Introdução do problema

A principal obra metafísica de Descartes é escrita de um modo bastante peculiar, mesmo para sua época, em se tratando de filosofia. Tal como adverte Martial Gueroult, o filósofo não o faz como um Tratado de Filosofia, constituído de capítulos rígidos e fechados, cada um dos quais encerra um tema; ou como uma *Summa*, com suas questões e seus artigos (GUEROULT, 2016, p. 23)<sup>3</sup>. Diferentemente daquilo que era o mais habitual em sua época, ao apresentar sua metafísica de modo mais completo e profundo, Descartes decide escrevê-la como meditações: “[...] preferi escrever meditações e não disputas ou questões, como fazem os filósofos, ou teoremas ou problemas, como os geômetras” (DESCARTES, 2010, p. 237; AT IX, p. 123)<sup>4</sup>.

Algumas linhas acima desta passagem, Descartes escreve sobre o método seguido na referida obra, e diz: “Quanto a mim, segui somente a via analítica em minhas *Meditações*, pois me parece ser a mais verdadeira e a mais própria ao ensino” (DESCARTES, 2010, p. 236; AT IX, p. 122).

Qualquer tentativa de interpretar as *Meditações Metafísicas* de Descartes não pode prescindir da definição da chave de leitura a partir da qual essa obra deve ser abordada. Quer nos parecer que a definição dessa chave de leitura depende, fundamentalmente, da compreensão tanto do estilo de escrita adotado pelo filósofo, quanto do método empregado por ele para o desenvolvimento do referido texto. Se o estilo de escrita é a meditação e o método empregado é a análise, qualquer abordagem das *Meditações* deve partir da compreensão dessas duas coisas, e do modo como elas se articulam para o desenvolvimento da referida obra.

Diante dessas considerações iniciais, algumas perguntas se colocam como necessárias para a definição da chave de leitura das *Meditações*: qual a relação entre o método de análise e a meditação? De que maneira o método seguido para o desenvolvimento do texto e o estilo da escrita escolhido por Descartes se articulam, e como essa articulação pode contribuir para que as *Meditações* sejam interpretadas adequadamente?

A abordagem desses questionamentos exige uma investigação sobre o que o filósofo entende por análise e por meditação, noções que aparecem principalmente nas *Segundas Respostas*, quando Descartes passa a se ocupar da parte metodológica, por assim dizer, de suas *Meditações Metafísicas*.

## Preliminares...

Ao final das *Segundas Objeções* que, provavelmente, foram escritas pelo Pe. Mersenne, há um pedido para que Descartes apresente sua metafísica segundo o método dos geômetras

[...] seria muito útil, se, ao fim de vossas soluções, após terdes primeiramente adiantado algumas definições, postulados e axiomas, concluirdes o todo, segundo o método dos geômetras, em que sois tão bem versado, para que de uma só vez, e como de um só relance,

<sup>3</sup> Gueroult escreve que “O Modelo que seguirá o filósofo não será mais o *Tratado de Filosofia*, dividido em capítulos, ou a *Summa* com suas questões e seus artigos, mas os *Elementos* de Euclides” (GUEROULT, 2016, p. 23). Estamos de acordo com Gueroult pelo que ele escreve sobre os modelos que Descartes não segue, mas discordamos quando esse comentarista diz que Descartes segue o modelo dos *Elementos* de Euclides, como muito bem demonstram Battisti (2002, p. 361) e, ainda, Loparic (1997, p. 91-100).

<sup>4</sup> Todas as obras de Descartes são citadas segundo a edição de Charles Adam e Paul Tannery, *Œuvres de Descartes*, indicada pelas iniciais AT, número do volume em numerais romanos e número de páginas em numerais arábicos; e, se houver, segundo a edição em português. As traduções para o português das *Meditações*, e *Objeções e Respostas* foram retiradas da edição DESCARTES, R. *Obras Escolhidas*. J. Guinsburg, Roberto Romano e Newton Cunha (Orgs.). Tradução de J. Guinsburg, Bento Prado Jr. et al. São Paulo: Perspectiva, 2010. Quanto aos demais textos que não foram traduzidos para o português, fizemos nossa própria tradução.

vossos leitores possam encontrar com o que se satisfazer, e para que preenchais seus espíritos com o conhecimento da divindade (DESCARTES, 2010, p. 213; AT IX, p. 101).

Como veremos, filósofo não deixa de atender a esse pedido, no entanto, antes faz algumas importantes observações a respeito tanto do método dos geômetras quanto, principalmente, do seu texto.

No que concerne ao conselho que me dais, de dispor minhas razões segundo o método dos geômetras, a fim de que de uma só vez os leitores possam compreendê-las, dir-vos-ei aqui de que forma já tentei precedentemente segui-lo, e como procurarei fazê-lo ainda posteriormente” (DESCARTES, 2010, p. 235; AT IX, p. 121).

Além de se comprometer a atender o pedido a ele feito pelo autor das *Segundas Objeções*, Descartes não se furta a dizer que já havia seguido o método dos geômetras. O filósofo tem ciência daquilo que lhe está sendo solicitado, pois o texto das *Segundas Objeções* é claro no pedido de que as *Meditações* sejam apresentadas segundo o método sintético. Embora seja verdade que Descartes não escreveu suas *Meditações* tal como solicita o objetor, ou seja, de acordo com a síntese, ele não deixa de destacar que, nesta obra, já seguira o método geométrico. Como ele dirá mais adiante, o método de análise.

Mas, antes de se ocupar em esclarecer que sua obra segue a via da análise, e antes ainda de definir o que entende por análise, Descartes toma o cuidado de continuar suas observações com alguns esclarecimentos prévios fundamentais a respeito do método dos geômetras, como uma separação entre *ordem* e *maneira de demonstrar*. Segundo Descartes,

A ordem consiste apenas em que as coisas propostas primeiro devem ser conhecidas sem a ajuda das seguintes, e que as seguintes devem ser dispostas de tal forma que sejam demonstradas só pelas que as precedem. E certamente empenhei-me, tanto quanto pude, em seguir esta ordem em minhas *Meditações*.

A maneira de demonstrar é dupla: uma se faz pela análise ou resolução, e a outra pela síntese ou composição (DESCARTES, 2010, p. 235; AT IX, p. 121).

A primeira observação importante sobre essa passagem é que a prioridade aqui estabelecida pelo que Descartes chama de *ordem* diz respeito, principalmente, à independência, mas à independência quanto à ordem do conhecimento. O filósofo afirma que “as coisas propostas primeiro devem ser *conhecidas sem a ajuda das seguintes*”. Ou seja, o que é primeiro, segundo a ordem, é o primeiro porque independe do que vem depois; e é o primeiro que pode ser *conhecido*. Dizendo de outro modo, trata-se daquilo que pode ser *conhecido em primeiro lugar*, e este “conhecido em primeiro lugar” significa “conhecido de forma independente daquilo que é conhecido depois”.

Enfim, ao enunciar a ordem, Descartes não se refere nessa passagem a uma prioridade ontológica, mas epistemológica. De acordo com Timmermans,

O que Descartes indica aqui, não é que “as coisas propostas primeiro” (por exemplo a dúvida, ou o gênio maligno, ou o cogito) constituem as razões absolutas ou em si, os fundamentos obrigatórios do que é demonstrado depois. Ele indica, muito mais, insistindo no advérbio *somente* (traduzindo do latim *tantum*), que essas coisas não devem ser primeiras *senão* para nós: elas não são primeiras em si, mas nós devemos poder lhes conhecer sem a ajuda das seguintes (TIMMERMANS, 1995, p. 113).

Da mesma maneira, “as seguintes”, isto é, as coisas que são conhecidas posteriormente, “devem ser dispostas de tal forma que sejam *demonstradas* só pelas que as precedem”. Aqui

Descartes se refere às outras coisas em relação às primeiras que podem ser conhecidas, ou seja, os conhecimentos que dependem de outros conhecimentos. Sobre estes, a ordem determina o seguinte: se dependem de algo, somente podem depender daquilo que foi conhecido anteriormente. Mais uma indicação do caráter fundamentalmente epistemológico da ordem na passagem das *Segundas Respostas*. Em resumo, de acordo com Descartes, a ordem consiste em uma relação de dependência segundo a qual as primeiras coisas conhecidas devem ser independentes das seguintes que, por sua vez, devem ser demonstradas apenas pelas que as precedem.

Após definir o que entende por *ordem*, Descartes escreve sobre *maneira de demonstrar*, que é dupla: ou pela análise ou pela síntese. De acordo com Battisti, a distinção feita por Descartes entre *ordem* e *maneira de demonstrar* consiste em separar o procedimento de demonstração de uma proposição do ordenamento dos passos ou argumentos que toda demonstração deve obedecer (BATTISTI, 2002, p. 344-345). Essa distinção é indispensável para evitar equívocos na compreensão da via seguida nas *Meditações*. Parece clara a preocupação de Descartes em localizar a análise “fora da ordem”, ou seja, em não reduzir a ordem ao método por ele seguido nas *Meditações*<sup>5</sup>. A ordem não é reduzida à análise, tampouco à síntese, exclusivamente, ela é exigida tanto em uma quanto na outra maneira de demonstrar.

Sendo assim, consideramos equivocado assimilar a ordem a uma das maneiras de demonstrar, e falar em “ordem da análise” e/ou “ordem da síntese”, como parece ser o que faz Gueroult em seu *Descartes segundo a ordem das razões* (2016, p. 22-33). Se Descartes apresenta uma única concepção de ordem à qual tanto a análise quanto a síntese devem estar submetidas, não faz sentido assimilar uma das maneiras de demonstrar à definição cartesiana de ordem, tampouco empregar expressões como “ordem da análise” ou “ordem da síntese”, tendo em vista que tanto uma quanto a outra dessas maneiras de demonstrar seguem a mesma ordem. Elas diferem por serem maneiras de demonstrar distintas que seguem aquilo que Descartes define como *ordem*. Assimilar uma dessas maneiras de demonstrar à ordem, ou mesmo assimilar cada maneira de demonstrar a ordens diferentes, ao que nos parece, não respeita a definição de ordem feita por Descartes nas *Segundas Respostas*.

### Sobre o método de análise

Logo após mencionar a diferença entre ordem e maneira de demonstrar, definir a ordem e localizar a análise (assim como a síntese) como *maneira de demonstrar*, Descartes apresenta a sua definição de análise<sup>6</sup>:

A análise [é o procedimento que] mostra o verdadeiro caminho pelo qual uma coisa foi metodicamente descoberta e revela como os efeitos dependem das causas; de sorte que, se o leitor quiser segui-la e lançar cuidadosamente os olhos sobre tudo o que contém, não entenderá menos perfeitamente a coisa assim demonstrada e não a tornará menos sua do que se ele próprio a houvesse descoberto (DESCARTES, 2010, p. 235; AT IX, p. 121 – acréscimo nosso).

Esta citação é retirada da tradução francesa das *Segundas Respostas* que, é sempre importante destacar, foi autorizada por Descartes. Na versão original do texto, em latim, há uma diferença

<sup>5</sup> Ao afirmar que Descartes pretende localizar a análise “fora da ordem”, não se pretende aqui defender que o método de análise é independente da ordem, ou que na análise não é necessário seguir a ordem. Pretende-se dizer que a análise não é reduzida à ordem, nem a ordem é reduzida à análise; que a análise não é parte da definição de “ordem”, mas sim de “maneira de demonstrar”.

<sup>6</sup> Tal como adverte Battisti (2002, p. 341) as *Segundas Respostas* contém a única apresentação propriamente dita dos conceitos cartesianos de análise e de síntese.

que suscitou longa discussão entre os comentadores do cartesianismo. Enquanto o texto em francês diz que “A análise mostra o verdadeiro caminho pelo qual uma coisa foi metodicamente descoberta e **revela como os efeitos dependem das causas**” (AT IX, p. 121 – negrito nosso), na versão em latim consta que “[...] a análise mostra a verdadeira via pela qual uma coisa foi descoberta, metodicamente e **como que a priori**” (AT VII, p. 155 – negrito nosso)<sup>7</sup>.

Sem deixar de admitir a importância da discussão a respeito da diferença dos textos, ela não será aqui desenvolvida, pois não faz parte do objetivo principal desse artigo. O que, aqui, importa destacar em primeiro lugar é a afirmação do filósofo segundo a qual a análise é um método de descoberta: “a análise é o verdadeiro caminho pelo qual uma coisa foi metodicamente descoberta”.

De acordo com Timmermans, Descartes se distingue radicalmente da tradição escolástica que associava a verdadeira descoberta à síntese, e a exposição à análise. Segundo este comentador,

O desafio do discurso de Descartes não consiste em reportar a via que ele seguiu durante suas *Meditações* aos métodos escolásticos, mas a justificar seu emprego sublinhando sua originalidade: ele insiste que a análise – sua análise – é o meio verdadeiro pelo qual se *descobre* a realidade” (TIMMERMANS, 1995, p. 115).

Quer nos parecer que a análise, segundo Descartes, pode ser entendida como a arte da descoberta. Se o filósofo afirma que seguiu, em suas *Meditações*, somente a via analítica (DESCARTES, 2010, p. 236; AT IX, p. 122), e se a análise é definida como a arte da descoberta, significa que as verdades que essa obra traz são verdades descobertas.

Não se pode esquecer que a análise é caracterizada por Descartes como uma *maneira de demonstrar*. Como bem observa Dubouclez, “a análise não é uma simples *inventio*<sup>8</sup>, mas, no rigor dos termos cartesianos, é o que ‘mostra’ a *inventio*” (DUBOUCLEZ, 2013, p. 265). E a definição cartesiana de análise, acima citada, não deixa dúvidas a respeito: “A análise **mostra** o verdadeiro caminho pelo qual uma coisa foi metodicamente descoberta” (DESCARTES, 2010, p. 235; AT IX, p. 121 – negrito nosso). Ao definir a análise como “arte da descoberta”, não se pode ignorar que se trata não somente da própria atividade da descoberta, mas também de um meio pelo qual se pode mostrar como a descoberta foi realizada metodicamente. Nas palavras de Dubouclez, a análise é, de uma só vez, inventiva e ostensiva (DUBOUCLEZ, 2013, p. 265).

Muito bem, se a via seguida nas *Meditações* é a análise, se esta é entendida como arte da descoberta, então as verdades das *Meditações* são verdades descobertas. Se as verdades das *Meditações* são descobertas, de que maneira o sujeito meditante realiza essas descobertas? Essa pergunta remete à interrogação sobre que tipo de procedimento é a análise, para que esta proporcione que o sujeito realize descobertas.

Descartes tomou conhecimento do método de análise através de seus estudos matemáticos, sobretudo a partir de seu contato com os textos a respeito da Matemática dos gregos antigos. Como nos mostra Battisti, n’*A Geometria* podemos ter ciência que o filósofo teve acesso, e bem conheceu, a obra *Coleção Matemática* de Pappus, que contém a principal descrição dos métodos de análise e de síntese dos geometras gregos (BATTISTI, 2010, p. 572). Outro texto onde Descartes se refere ao método analítico dos gregos antigos é a Regra 4 das *Regras para a direção do*

<sup>7</sup> Sobre as discussões a respeito do problema na diferença dos textos francês e latim, ver Loparic, 1997, P. 141-146 e Battisti, 2002, p. 341-359.

<sup>8</sup> O termo latino *inventio* pode ser traduzido por “invenção” ou “descoberta”. Na definição de análise do texto em francês das *Respostas às Segundas Objeções*, o termo que traduz a palavra latina *inventio* é *inventée*, que pode ser traduzido para a língua portuguesa tanto como “inventada” quanto como “descoberta”. Manteremos a expressão “descoberta” mantendo a tradução da edição das *Respostas às Segundas Objeções* usada aqui como referência (DESCARTES, René. *Obras Escolhidas*. J. Guinsburg, Roberto Romano e Newton cunha (Orgs.). Trad. De J. Guinsburg, Bento Prado Jr. Et al. São Paulo: Perspectiva, 2010).

*espírito*. Nessa obra, Descartes escreve que na Aritmética e na Geometria “[...] vemos bastante bem que os antigos Geômetras utilizaram uma espécie de análise que estendiam à solução de todos os problemas [...]” (AT X, p. 373). Ainda seguindo a indicação de Battisti (2010, p. 571-572), ao enunciar a instauração da análise, Descartes escreve n’*A Geometria*: “[...] se desejarmos resolver algum problema, devemos primeiramente considerá-la [a sua resolução] como já feita” (AT VI, p. 372).

Na primeira referência ao método de análise presente nas *Segundas Respostas*, ao caracterizar a duplicidade da *maneira de demonstrar*, Descartes escreve que “A maneira de demonstrar é dupla: uma se faz pela **análise ou resolução**, e a outra pela síntese ou composição” (DESCARTES, 2010, p. 235; AT IX, p. 121 – **negrito nosso**). “Resolução” é a tradução de *resolutio*, a palavra latina para “análise”. Se observarmos as passagens citadas no parágrafo acima (a das *Regras* e a d’*A Geometria*), veremos que a análise (ou resolução) é feita sobre problemas: “os antigos Geômetras utilizaram uma espécie de análise que estendiam à solução de todos os problemas”; “se desejarmos resolver algum problema, devemos primeiramente considerar a sua resolução como já feita”. Tal como podemos ver nessas passagens, que citamos acima, são os problemas aquilo ao que o investigador se dedica ao lançar mão do método de análise.

Apesar de se filiar à tradição analítica, do ponto de vista metodológico, diferentemente dos geômetras gregos Descartes estende esse método a domínios que vão além da matemática, como as *Segundas Respostas* atestam com a confissão de que sua metafísica está disposta de acordo com o método de análise (AT IX, p. 122). Se a análise é feita sobre problemas, como indicam as passagens acima citadas da Regra 4 e d’*A Geometria*, e se a análise é um método resolutivo, o que é evidenciado na palavra latina pela qual esse método é denominado (*resolutio*), a pergunta sobre que tipo de procedimento é a análise parece encontrar uma resposta: a análise é um método de resolução de problemas.

Essa interpretação do método de análise, e do método de análise nas *Meditações*, como um método de resolução de problemas, segue a tese defendida por Battisti em seu livro *O método de análise em Descartes*. Segundo Battisti,

[...] o método das *Meditações* é um método de resolução de problemas e [...] a ordem dos passos meditativos é determinada pelo exame da problemática em questão e pelas suas tentativas de solução. Desse modo, se Descartes procede efetivamente segundo o ‘espírito dos geômetras’ e se seus pensamentos apresentam um encadeamento semelhante ao deles, esse encadeamento será determinado, como na análise dos matemáticos, pelos passos que compõe a compreensão do problema em exame e pelos desdobramentos que sucedem em razão de sua resolução (BATTISTI, 2002, p. 363-364).

Battisti apresenta, neste ponto, uma tese que difere em especial àquela de Martial Gueroult em seu *Descartes segundo a ordem das razões*, para quem o que guia as *Meditações* é a por ele consagrada ordem das razões, entendida como um encadeamento de verdades, uma ordem de verdades que se seguem metodicamente, e que se consolida como a via seguida nas *Meditações Metafísicas* de Descartes. Diferentemente de Gueroult, Battisti mostra que as *Meditações* seguem a via analítica por desenvolver-se a partir de um método de resolução de problemas que são examinados, suas tentativas de solução, e os novos problemas que aparecem no desenvolvimento da referida obra<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> A interpretação metodológica das *Meditações* a partir dos seus problemas é apresentada no ponto 6.2 do Capítulo VI de *O método de análise em Descartes* (BATTISTI, 2002, p. 359-384).

Iván Darío Arango emprega a expressão “ordem dos problemas” para se referir ao pensamento cartesiano, com o que parece ser uma tentativa de estabelecer uma chave de leitura para tal filosofia<sup>10</sup>. Segundo Arango, a ordem escolhida para estudar Descartes está de acordo com os problemas que se sucedem em seu itinerário intelectual (ARANGO, 1992, p. 11). No entanto, este autor parece entender que tal “ordem” é circunscrita aos textos científicos de Descartes, não caracterizando a via seguida nas *Meditações*:

Se tem falado de uma continuidade dos problemas, mas essa continuidade não tem a coerência da ordem das razões tal como se encontra nas *Meditações Metafísicas* (1641): nesta obra se pode ver diretamente como a dúvida conduz à verdade do *cogito* e como o *cogito* conduz à ideia de Deus e como a ideia de Deus conduz ao valor objetivo das ideias claras e distintas, etc... (ARANGO, 1992, p. 13).

Apesar da aparente tentativa de se distanciar do paradigma estabelecido pela interpretação de Martial Gueroult, ao enfatizar a “ordem dos problemas”, Arango o faz para caracterizar a obra científica de Descartes, excetuando a metafísica, mais especificamente a obra *Meditações Metafísicas* que, de acordo com o comentador, segue a ordem das razões cunhada por Gueroult.

No entanto, pelo que o próprio Descartes escreve nas *Segundas Respostas* sobre suas *Meditações* ele parece seguir uma direção oposta a esta interpretação. Como vimos acima, ao estabelecer que a via seguida nas *Meditações* é a analítica, e ao caracterizar a análise como arte da descoberta, que consiste em um método de resolução de problemas, o filósofo parece querer dizer que suas *Meditações* não são desenvolvidas a partir de um encadeamento de proposições afirmadas como verdadeiras nessa obra, mas a partir dos problemas enfrentados pelo meditador, e, claro, pelas buscas de suas resoluções. Nas palavras de Battisti,

As *Meditações* se guiam por problemas e não por relações entre proposições ou por verdades. Há um problema geral, e cada meditação rearticula esse problema ou um subproblema a partir dos resultados anteriores. É por isso que é tão importante refazer o caminho, retomar as questões, enfim, recuperar o estado meditativo da jornada anterior. Fora dos problemas, as verdades, em geral, têm pouco valor. Dentro do contexto investigativo, elas são o momento alto da solução do problema e se configuram como pontos ou pilares fundamentais à etapa seguinte. Como na matemática, o método de análise é um procedimento resolutivo de problemas (BATTISTI, 2017, p. 67).

O artigo de Battisti apresenta uma linha interpretativa a partir da qual o que articula cada verdade das *Meditações* não é a passagem de uma verdade para outra, mas a configuração e reconfiguração dos problemas a partir dos quais a reflexão cartesiana é desenvolvida. Se o método de análise pode ser entendido como arte da descoberta; se esta arte se realiza mediante a resolução de problemas, o método de análise consiste fundamentalmente em um método de resolução de problemas. Se as *Meditações* são escritas unicamente segundo a via analítica, e se a análise consiste num método de resolução de problemas, a via das *Meditações* é a resolução de problemas. Se a via das *Meditações* é a resolução de problemas, o que move o percurso da reflexão desenvolvida no referido texto são os problemas, o que nos permite dizer que, nas *Meditações*, temos um *Descartes segundo a via dos problemas*<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Trata-se da referência ARANGO, I. D. Descartes segun el orden de los problemas. *Estudios de Filosofía*, n. 4, p. 11-23.

<sup>11</sup> A preferência pela expressão “via dos problemas” em detrimento de “ordem dos problemas” decorre da distinção feita por Descartes entre “ordem” e “maneira de demonstrar”, segundo a qual a via analítica é caracterizada como uma maneira de demonstrar, tal como tratou-se acima.

## A meditação

No parágrafo seguinte àquele em que apresenta sua definição de análise, Descartes se dirige aos leitores da seguinte maneira:

Mas tal espécie de demonstração não é capaz de convencer os leitores teimosos ou pouco atentos: pois se se deixa escapar, sem reparar, a menor das coisas que ela propõe, a necessidade de suas conclusões não surgirá de modo algum; e não se costuma expressar nela mui amplamente as coisas que são bastante claras por si mesmas, embora sejam comumente as que é preciso tomar mais em conta (DESCARTES, 2010, p. 236; AT IX, p. 121).

Nessa passagem o filósofo faz uma espécie de advertência aos leitores, tocando no poder persuasivo da análise que, segundo o que se pode ver aqui, não é muito forte no caso de leitores “teimosos ou pouco atentos”. Considerando que neste ponto Descartes se dedica a responder uma das objeções escrita para suas *Meditações*, parece nos ser permitido suspeitar que, nessa passagem, ele apresenta algumas razões pelas quais os objetores de suas *Meditações* não as tenham entendido, ao ponto de solicitar que sejam reescritas segundo a via sintética. Se algo que faz parte da demonstração analítica não é notado, por menor que seja, diz Descartes, “a necessidade de suas conclusões não surgirá de modo algum”<sup>12</sup>. O pedido para que as teses das *Meditações* sejam apresentadas segundo a via sintética parece transparecer que o autor das *Segundas Objeções* não foi capaz de acompanhar a demonstração analítica ali presente e, portanto, para ele a necessidade das conclusões às quais Descartes chegou não foi notada.

Descartes afirma que essa maneira de demonstrar, a análise, exige a atenção do leitor exatamente porque “não se costuma expressar nela mui amplamente as coisas que são bastante claras por si mesmas, embora sejam comumente as que é preciso tomar mais em conta”. E como se trata de questões metafísicas, as dificuldades em acompanhar a reflexão desenvolvida segundo o método de análise são maiores, ou, nas palavras de Descartes,

[...] no atinente às questões que pertencem à Metafísica, a principal dificuldade é conceber clara e distintamente as noções primeiras. Pois, ainda que por sua natureza não sejam menos claras, sendo mesmo muitas vezes mais claras do que as consideradas pelos geômetras, não obstante, posto que parecem não acordar com muitos prejuízos que recebemos através dos sentidos, e aos quais nos habituamos desde a infância, são perfeitamente compreendidas apenas pelos que são muito atentos e se empenham em apartar, tanto quanto podem, o espírito do comércio dos sentidos (DESCARTES, 2010, p. 237; AT IX, p. 122-123)

Segundo Descartes, as questões metafísicas são ainda mais difíceis, pois exigem daqueles que a elas se dedicam a capacidade de abordá-las sem o “emprego” dos sentidos, de forma exclusivamente intelectual, já que se trata de noções primeiras, inacessíveis à sensibilidade. Essa maior dificuldade na compreensão das questões que pertencem à metafísica parece ser uma das razões pelas quais Descartes segue o método de análise em suas *Meditações*: “[...] segui somente a via analítica em minhas *Meditações*, pois me parece ser a mais verdadeira e a mais própria para ensinar” (DESCARTES, 2010, p. 236; AT IX, p. 122).

---

<sup>12</sup> Parece-nos que essa afirmação corrobora com a tese segundo a qual as verdades das *Meditações* não são decorrentes de um encadeamento de proposições, pois aquilo que se conclui na via analítica ali seguida é afirmado como algo que *surge*, surgimento este que tem caráter de necessidade, como algo que se impõe, justamente do enfrentamento dos problemas que movem o texto.

Se olharmos novamente como terminam as *Segundas Objeções*, com a solicitação de que Descartes apresente sua metafísica “segundo o método dos geômetras”, veremos que o objetor pede que Descartes assim o faça para que seus leitores possam ficar mais satisfeitos do que ficaram após a terem lido do modo como estão escritas originalmente, de maneira analítica (DESCARTES, 2010, p. 213; AT IX, p. 101). Cabe a pergunta a respeito dos motivos pelos quais o autor das *Segundas Objeções* considera que os leitores teriam mais satisfação com o texto disposto de acordo com a síntese. Ao que nos parece, a maior satisfação dos leitores na apreciação de um texto escrito sob a via sintética, em relação à análise, se justifica muito mais pelo desconhecimento que eles teriam desta última, ou ao menos pela falta de hábito com a análise, uma vez que este método, de acordo com o que escreve Descartes, era mantido em segredo pelos antigos geômetras<sup>13</sup>.

Por um lado, ao justificar o emprego da análise por ser este o método mais verdadeiro e mais próprio para ensinar, quer nos parecer que, mais uma vez, o filósofo apresenta uma discordância com seu objetor, pois, se a análise é a via mais eficiente para o ensino, é aquela pela qual os leitores deveriam ficar mais satisfeitos. Por outro lado, é preciso considerar essa insatisfação com um texto escrito analiticamente como compreensível, justamente porque os leitores estão mais habituados com a síntese que com a análise, (como escreve o próprio Descartes) e, naturalmente, têm mais dificuldade com aquilo ao que estão menos habituados. Deste modo, se o método de análise, da maneira como Descartes o entende, era desconhecido de seus leitores, e se o filósofo defende que este método é o mais próprio para o ensino, vemos que uma das preocupações de Descartes ao escrever as *Meditações* é de natureza pedagógica. Ao escrever sua metafísica sob o método de análise, além de apresentar uma nova maneira pela qual algo pode ser demonstrado (revelando, assim, o segredo dos geômetras gregos), ele mostra estar preocupado em ser compreendido.

Ao que parece, essa preocupação pedagógica levou Descartes a definir não somente o método empregado para apresentar sua metafísica, mas também o estilo de escrita. A propósito, a preocupação com o estilo de escrita é um dos elementos pouco ressaltados pelos intérpretes de Descartes, como destaca Kambouchner:

Esse jogo com os gêneros literários, sempre erudito no mais alto grau e indissociável de um certo uso de ironia, é uma parte integrante da grande arte de Descartes, a qual reconhecer-se-á, entre outros aspectos de seu gênio, um dos mais puros estilistas e um dos maiores experimentadores de formas de toda a história da filosofia (KAMBOUCHNER, 2005, p. 148)

Essa passagem, que poderia parecer mais um elogio do que uma observação, sem deixar de ser um elogio, contém um diagnóstico importante a ser destacado: Descartes se preocupa com o estilo da escrita e tem uma habilidade muito grande para escrever em diferentes estilos, como atestam cada uma das diferentes obras por ele escritas. No caso das *Meditações*, diz Descartes

[...] preferi escrever meditações e não disputas ou questões, como fazem os filósofos, ou teoremas ou problemas, como os geômetras, a fim de testemunhar com isso que as escrevi tão somente para os que quiserem dar-se ao trabalho de meditar seriamente comigo e considerar as coisas com atenção (DESCARTES, 2010, p. 237; AT IX, p. 123).

<sup>13</sup> Como escreve Descartes: “Os antigos geômetras costumavam utilizar-se apenas dessa síntese em seus escritos, não porque ignorassem inteiramente a análise, mas, em meu parecer, porque lhe atribuíam tal posição que a reservavam para eles próprios, como um segredo de importância (DESCARTES, 2010, p. 236; AT IX, p. 122).

Entre os diferentes estilos de escrita possíveis para uma obra metafísica, Descartes escolhe escrever a sua sob o estilo meditativo. Como podemos ver, nas *Meditações* o filósofo convida o leitor para seguir os passos por ele dados, ou, para “dar-se ao trabalho de meditar seriamente [com ele] e considerar as coisas com atenção”.

Esse estilo de escrita não era incomum no início da modernidade, mas não propriamente empregado em textos filosóficos. Segundo Gaukroger, os escritos a respeito de exercícios religiosos eram recorrentes na época de Descartes, e, em geral, tratava-se de manuais de meditação, ou seja, tais obras ensinavam a prática de meditações religiosas (GAUKROGER, 1999, p. 412). Ao abordar a maneira pela qual Descartes escreve suas *Meditações*, Étienne Gilson, em sua importante obra *Études sur le rôle de la pensée médiévale dans la formation du système cartésien*, indica que Descartes faz uma inovação ao escrever sua metafísica sob o estilo meditativo, que, como escrevemos acima, no século XVII não era comumente empregado a textos que se ocupavam de questões desta natureza. Segundo este comentador,

A forma *meditação*, adaptada às necessidades das almas religiosas, que querendo se penetrar lentamente em certas verdades e reformar-se à sua imagem, ao que parece, nunca havia sido requerida para apresentar verdades abstratas de ordem puramente metafísica (GILSON, 1930, p. 186-187).

Em um texto de 1957, Ferdinand Alquié parece concordar com Gilson, e a partir do que escreveu este comentador, apresenta o que podemos considerar uma definição do significado daquilo que se entende por meditação religiosa na época de Descartes. De acordo com Alquié

[...] a palavra “meditação” somente poderia evocar, no tempo de Descartes, uma meditação de ordem mística. O leitor dessa época, vendo um livro intitulado *Meditações*, pensava sobretudo em meditações religiosas; ora, a meditação religiosa consiste em se penetrar lentamente em uma verdade, em viver essa verdade (ALQUIÉ, 1957, p. 14).

A razão pela qual escolheu escrever sua metafísica como meditações, apresentada por Descartes em suas *Segundas Respostas*, tem relação com a principal dificuldade atinente a essa área do conhecimento: a dificuldade em conceber clara e distintamente as noções primeiras (DESCARTES, 2010, p. 237; AT IX, p. 122-123), aquelas das quais a metafísica se ocupa. Seria este, somente, o motivo pelo qual o filósofo decide por este estilo de escrita? Não haveria algum outro elemento pelo qual o filósofo lança mão de um estilo próprio do “universo religioso” para tratar de temas fundamental e essencialmente filosóficos e racionais.

Considerando que o estilo meditativo, na época de Descartes, é próprio de textos religiosos, e considerando que, em suas *Meditações*, ele toma Deus e a alma, os principais objetos de estudos da Teologia, como os temas centrais, é necessário esclarecer que esse texto não é de caráter religioso. O que não deixou de ser feito pelo próprio Descartes, em mais de um lugar, especialmente nos elementos pré-textuais das *Meditações*.

Dirigindo-se aos leitores que talvez pudessem fazer a confusão de considerar serem as *Meditações* uma obra sobre religião e, mais que isso, apresentando uma opinião que desloca o “lugar”, por assim dizer, que certas temáticas ocupavam (e ocupam), o filósofo faz a seguinte advertência na carta à Faculdade de Teologia da Sorbonne: “Sempre estimei que estas duas questões, de Deus e da alma, eram as principais entre as que devem ser demonstradas mais pelas razões da Filosofia que da Teologia” (DESCARTES, 2010, p. 125; AT IX, p. 4). Se a opinião comum considera ser Deus (e a alma) um objeto de estudos, sobretudo, da Teologia (literalmente, o “discurso sobre Deus), Descartes afirma pensar de maneira diferente, que deve ser uma questão mais filosófica que teológica, claro, na medida em que se pretenda realizar *demonstrações* acerca

desses assuntos, como essa passagem deixa claro. Se a Teologia se ocupa das verdades na medida em que são reveladas, a demonstração de verdades deve caber a outra área do conhecimento, que tenha como prioridade não aquilo que é conhecido por revelação, mas através de demonstração, de prova. No caso de Deus e da alma, à metafísica, entendida por Descartes como “filosofia primeira”<sup>14</sup>.

Além da carta à Faculdade de Teologia da Sorbonne, outro texto no qual o filósofo alerta que sua obra não é de natureza religiosa é o Resumo das *Meditações*. Ao falar sobre o tema da Meditação Quarta, Descartes diz

Mas, é de notar que não pretendo falar aí das coisas que competem à fé ou à conduta da vida, mas somente daquelas que dizem respeito às verdades especulativas e conhecidas tão somente por meio da luz natural” (DESCARTES, 2010, p. 133; AT IX, p. 11).

Mais uma vez vemos Descartes preocupado em esclarecer que, embora o nome de sua obra principal sobre metafísica pudesse fazer crer que se trata de um texto religioso, e embora esse texto se ocupe de questões que são, também, objetos da Teologia, as *Meditações Metafísicas* são de natureza exclusivamente filosófica. Apesar de adotar um estilo de escrita comum em obras religiosas, nas *Meditações* esse estilo é adotado para falar de questões estritamente racionais, filosóficas.

Voltemos agora à pergunta sobre o que levou Descartes a escolher um estilo próprio de textos de base religiosa para apresentar sua principal obra metafísica. Um olhar sobre o início das *Segundas Respostas* pode nos ajudar a pensar nessa questão. Ali, o filósofo se dirige aos seus leitores do seguinte modo:

[...] gostaria que os leitores não empregassem somente o pouco tempo que é necessário para lê-la [a Meditação Primeira], mas alguns meses, ou ao menos algumas semanas, em considerar as coisas de que ela trata, antes de passar além; pois assim não duvido que aufram lucro bem melhor da leitura do restante (DESCARTES, 2010, p. 2016; AT IX, p. 103 – acréscimo nosso).

Nessa passagem, Descartes está se referindo somente à Meditação Primeira, mas em carta a Huyghens, de 12 de novembro de 1640, ao falar das *Meditações* como um todo, o filósofo afirma ser necessário “[...] dias e semanas inteiras a meditar sobre as mesmas matérias que eu tratei [...]” (AT III, p. 241-242). Essas duas passagens são muito claras em exigir uma certa lentidão na leitura das *Meditações Metafísicas*, para que elas sejam devidamente compreendidas. Essa exigência parece ter relação com aquilo que escreve Gilson, e principalmente com a definição de meditação religiosa feita por Alquié, segundo a qual “[...] a meditação religiosa consiste em se penetrar lentamente em uma verdade, e viver essa verdade” (1957, p. 14). De acordo com o que lemos das passagens acima citadas, nas quais Descartes manifesta a necessidade de “semanas, ou até mesmo de alguns meses” para considerar as coisas das quais as *Meditações* tratam, e não somente o tempo que é necessário para lê-las, a compreensão desta obra exige certa lentidão, exige que o leitor não tenha pressa em passar adiante. Para dar conta das dificuldades em tratar de questões metafísicas, aquelas concernentes aos primeiros princípios, é necessário dedicar-se com

<sup>14</sup> Segundo Descartes, a metafísica se ocupa dos primeiros princípios do conhecimento humano (AT IX-2, p. 14), e suas *Meditações* tratam, além dos temas expressos em seu subtítulo (de Deus e da alma) “[...] em geral de todas as primeiras coisas que se pode conhecer filosofando por ordem” (AT III, p. 239). Ou seja, a metafísica cartesiana é uma filosofia primeira por se ocupar das primeiras coisas que se pode conhecer. Sobre a relação entre *metafísica* e *filosofia primeira* em Descartes, ver KAMBOUCHNER, 2005, pg. 39-52.

tempo, é preciso parar para refletir sobre essas questões, para que elas sejam devidamente abordadas, analisadas e entendidas pelo leitor.

### **Para concluir...**

Qual a relação, portanto, entre o método de análise e o estilo meditativo? De que modo a análise e a meditação se articulam para constituir a via seguida nas *Meditações Metafísicas* de Descartes? Como vimos, a via analítica é definida por Descartes como uma arte de descoberta, descoberta que se realiza mediante um método de resolução de problemas. Deste modo, ao afirmar que segue a via analítica em suas *Meditações*, Descartes está a dizer que esta obra é constituída e desenvolvida a partir de problemas. Se o estilo de escrita dos manuais de exercícios religiosos é o que influenciou Descartes a escrever meditações, e se meditação religiosa, na época de Descartes, significa penetrar-se lentamente em uma verdade, acreditamos poder concluir que meditar metafisicamente, tal como Descartes propõe em suas *Meditações*, consiste em *penetrar-se lentamente nos problemas, e viver esses problemas*.

Se os problemas são o que move as *Meditações Metafísicas* de Descartes, é neles que o leitor deve penetrar-se, com atenção, sem pressa, para não deixar escapar a menor das coisas que a análise propõe, para que suas conclusões surjam necessariamente do enfrentamento de tais problemas (DESCARTES, 2010, p. 236; AT IX, p. 121); e se Descartes pretende que seus leitores se deem ao trabalho de meditar seriamente com ele e considerar as coisas com atenção (DESCARTES, 2010, p. 237; AT IX, p. 123), significa que, ao dedicar-se às *Meditações Metafísicas*, o leitor deve se colocar como sujeito meditante.

## Referências

- ARANGO, Iván Darío. Descartes segun el orden de los problemas. *Estudios de Filosofia*, n. 4, p. 11-23, 1992.
- BATTISTI, César Augusto. *O método de análise em Descartes*. Cascavel, PR: Edunioeste, 2002.
- BATTISTI, César Augusto. É possível as Meditações procederem dedutivamente e, ao mesmo tempo, necessitarem da clareza e distinção como critérios de verdade? *Modernos & Contemporâneos*, vol. 1, n. 2, p. 57-69, 2017.
- BORGES, Marcos Alexandre. *O conceito de ideia e a resolução do problema do solipsismo na metafísica cartesiana*. 2020. 228 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Unioeste, Toledo.
- DESCARTES, René. *Œuvres*. Paris: Vrin, 1996. 11 vol. Publiées par Charles Adam et Paul Tannery.
- DESCARTES, René. *Obras escolhidas*. J. Guinsburg, Roberto Romano e Newton Cunha (Orgs.). Trad. de J. Guinsburg, Bento Prado Jr. et al. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Textos, 24).
- ALQUIÉ, Ferdinand. *La découverte métaphysique de l'homme chez Descartes*. Paris : PUF, 1950.
- ALQUIÉ, Ferdinand. Expérience ontologique et déduction systématique dans la constitution de la métaphysique de Descartes. In: GUEROULT, Martial et al. *Cahiers de Royaumont: Descartes*. Paris: Éd. de Minuit, 1957. p. 10-31.
- DUBOUCLEZ, Olivier. *Descartes et la voie de l'analyse*. Paris: PUF, 2013.
- GAUKROGER, Stephen. *Descartes: uma biografia intelectual*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 1999.
- GILSON, Étienne. *Études sur le role de la pensée médiévale dans la formation du système cartésien*. Paris: Vrin, 1930.
- GUEROULT, Martial. *Descartes selon l'ordre des raisons i l'âme et Dieu*. Paris: Aubier, 1968. 2 v.
- GUEROULT, Martial. *Descartes segundo a ordem das razões*. Tradução de Érico Andrade, Enéias Forlin Marisa Donatelli, César Battisti e Alexandre Soares. São Paulo: Discurso Editorial, 2016.
- KAMBOUCHNER, Denis. *Les Méditations métaphysiques de Descartes – Introduction générale et Première Méditation*. Paris: PUF, 2005.
- KAMBOUCHNER, Denis. *Le Style de Descartes*. Paris: Éditions Manucius, 2013.
- LOPARIC, Zeljko. *Descartes Heurístico*. Campinas: Unicamp, 1997.
- TIMMERMANS, Benoît. *La résolution des problèmes de Descartes à Kant*. Paris: PUF, 1995.

---

**Autor(a) para correspondência:** Marcos Alexandre Borges, Rua Sete de Setembro, 231, Bairro Canarinho, 69306-530, Boa Vista – RR, Brasil. marcos.borges@uerr.edu.br